

A face misteriosa de um anjo: uma abordagem do fantástico no conto machadiano *O anjo Rafael*

Marli Cardoso dos Santos
UNESP - ARARAQUARA

Resumo: Pretendemos, com este estudo, explorar a atmosfera do fantástico-estranho no conto machadiano *O anjo Rafael*, bem como analisar as peculiaridades românticas presentes em algumas narrativas do escritor em meados do século XIX. Nesse sentido, resgataremos uma escrita sutil que vai crescendo em direção à típica ironia machadiana. Vemos, então, que o autor recria um fantástico crítico, não com intenção de assustar o seu leitor, como em muitos contos fantásticos clássicos, mas com o intuito de atraí-lo para um clima aparentemente estranho, que passa depois ao jocoso e termina por uma explicação baseada na loucura. Antero, o personagem principal do conto, obstinado a abandonar o mundo em razão de coisas visivelmente banais, é denominado ‘nosso herói’ pelo narrador, demonstrando, assim, uma crítica irônica ao Romantismo e aos próprios leitores, crítica que é ainda mais acentuada quando percebemos que ambos os personagens se refugiam do mundo: o Dr. Antero, que procura a morte, e o major Tomás, que prefere ser anjo a revelar sua loucura.

Palavras-chave: Fantástico-estranho, Romantismo, Machado de Assis.

The mysterious face of an angel: an approach to the fantastic in the tale *O anjo Rafael*, by Machado de Assis

Abstract: This essay aims to explore the fantastic-odd atmosphere in the “O anjo Rafael” Machado’s tale, as well as analyze the peculiarities present in some romantic narratives of the writer in the mid-nineteenth century. According to this we will rescue a subtle writing that grows toward the typical Machado’s irony. We then see that the author re-creates a fantastic critic, not intending to frighten his readers, as in many classic fantasy stories, but in order to draw him into a seemingly odd environment after passing through the jocose, ending with a explanation based on insanity. Antero, the main character of the tale, stubborn to leave the world because of things conspicuously banal, is called ‘our hero’ by the narrator, thereby demonstrating an ironic criticism of Romanticism and to the readers themselves, that criticism is even more pronounced when we realize that both characters take refuge in the world: Dr. Antero seeking death and Major Tomas who prefers to be an angel to reveal their folly.

Key words: Fantastic-odd, Romanticism, Machado de Assis.

Ó amor! ó coração! ó egoísmo humano!
Machado de Assis, *O anjo Rafael*, p. 46.

Entre ‘disparates e piparotes’ encontramos ‘fantasia e loucura’. Expliquemos melhor esse achado: Tito, homem frágil e atormentado, encontra um refúgio em seus

devaneios, no País das Quimeras, conduzido pelo ar por uma divindade celeste. Contudo, percebemos que o Sr. Amaral, acomodado em uma boa poltrona no teatro municipal, prefere aventurar-se inconscientemente na criação de seres perfeitos ao lado do capitão Mendonça. Outros dizem que saíram quites com a vida, sem míngua nem saldo, e ainda há aqueles que dizem: “Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida...” (ASSIS, sd, p. 21). ‘Leitor ingênuo’, tu te enganas se achas ser esse o nosso defunto-autor, também denominado Brás Cubas, pois temos aí o Dr. Antero da Silva e já reconhecemos nele um homem destinado a deixar sua existência sem remorsos, para escapar de um mundo cruel e sem piedade. Esse antigo integrante da galeria de personagens machadianos pertence ao conto *O anjo Rafael*, um dos primeiros de Machado de Assis, publicado em 1869. O Dr. Antero, à semelhança dos demais, encontra-se em situação de tédio diante da vida. Por isso, podemos concordar com a seguinte afirmação: “Uma constante de Machado de Assis é a sensação do tédio, como estigma da condição humana, preço mais caro da nossa inquietação e curiosidade” (CASTELLO, 1969, p. 58).

Pela afirmação de José Aderaldo Castello, percebemos que Machado traz para seus personagens traços tipicamente românticos, como a melancolia e a busca constante pelo refúgio, seja através da morte ou do sonho, de forma sutilmente irônica. Dessa forma, o personagem desse conto precisa encontrar uma saída para seus problemas de modo dramático, na tentativa de dar um pouco mais de emoção ao tédio em que vive. No entanto, para nossa surpresa, o narrador machadiano conduz a história para outro caminho, não o do suicídio, mas o da aventura. Se antes o enredo e o personagem possuíam ares de um romance de Goethe, agora a história, como o próprio narrador afirma, passa a possuir aspectos de um conto fantástico: “É fácil imaginar a ânsia com que o doutor esperou a resposta do seu misterioso correspondente. O que ele queria era pôr termo àquela aventura que tinha ares de um conto de Hoffmann” (ASSIS, sd, p. 25).

Essa relação com o escritor alemão, não está presente somente em *O anjo Rafael*, mas também em *O capitão Mendonça*, no qual há uma correspondência muito significativa entre a boneca Olímpia e a criação perfeita de Mendonça, sua filha Augusta. No que diz respeito a essas peculiaridades, percebemos um Machado leitor e escritor de contos fantásticos, que buscará o aperfeiçoamento de sua linguagem no final do século XIX, com atenção especial às questões sociais e humanas. O Machado do conto *O Anjo Rafael* possui um discurso com uma dose menor de ironia, que vai crescendo aos poucos, posteriormente, em outras narrativas, pois veremos depois um

escritor audacioso, crítico e perspicaz, sobretudo em questões que dizem respeito à sociedade.

Nos limites iniciais da carreira do contista, por extensão a do escritor, Machado de Assis procede à pesquisa e à experiência de linguagem, de estruturação, de estudo de situações e esboço de caracteres. Parte de modelos literários que não omite, presentes e passados, desde narrativas tradicionais marcadas pela oralidade até fontes eruditas de sugestões temáticas. Equaciona-os com a realidade presente e cotidiana da sociedade fluminense, ainda embebido no romanesco e na moralidade românticos. Mas, à medida que se enriquece interior e literariamente, submete todos os componentes da criação à vigilância crítica, fator de aperfeiçoamento de processos criadores, conjuntamente com a marca singular do seu estilo e concepção. (CASTELLO, 1969, p. 76)

Percebemos também que, talvez na tentativa de um projeto literário, Machado de Assis buscou aperfeiçoar a sua linguagem, como bem afirma Castello (1969), ensaiando entre vários estilos literários e ainda entre diferentes gêneros textuais. Não queremos dizer que aquele jovem escritor de meados do século XIX não possuía ‘ares de Hoffmann’, mas as características próprias da narrativa fantástica clássica, como o clima assustador, o medo, o mistério, foram instauradas de forma sutil, para que a crítica à sociedade fosse o principal nessas narrativas, ou seja, o estilo machadiano de escrever contos fantásticos é voltado para a sondagem do ser humano e não somente para causar dúvidas e temores.

Todavia, para analisarmos o conto *O anjo Rafael*, precisamos buscar situações que possuem uma atmosfera voltada ao fantástico como recurso utilizado para capturar o leitor para dentro da história; bem como discorrer acerca de temáticas que podem ser a base para a construção da narrativa, deixando o leitor em estado de hesitação. Para Remo Ceserani “o conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo” (2006, p. 71). Esse clima proporcionado por um conto fantástico clássico é visto de forma tênue nas narrativas machadianas, uma vez que o autor resgatou algumas das características do insólito ficcional, mas sem exageros, ou seja, com um tom mais dosado.

Percebemos então, que o Dr. Antero, prestes a dar fim a sua vida, logo após escrever uma carta para o ‘mundo’ dizendo o porquê do suicídio e de dispensar o seu criado com 50 mil réis, ouve bater a porta um homem muito simples que traz o recado de um senhor. Nesse momento, entramos em um clima de suspense e apreensão. Para o

personagem, isso significaria mais um tempo para continuar vivo. Talvez fosse essa a sua vontade, e, desse modo, encontra uma desculpa. Esse homem, talvez um anjo que chega para salvar a vida de um perturbado, não apresenta ser muito simpático e não fornece maiores detalhes sobre as intenções de seu patrão. Mesmo assim, Antero resolve segui-lo.

Não quero dar ao meu herói proporções que ele não tem; confesso que naquele momento o Dr. Antero da Silva estava bem arrependido de ter aberto a porta ao importuno portador da carta. Se pudesse fugir, fugia, ainda correndo o risco de passar por covarde aos olhos do criado. Mas era impossível. O doutor fez das tripas coração, e caminhou na direção da casa. (ASSIS, sd, p. 24)

O narrador refere-se ao personagem como herói, mas, até o momento, não podemos afirmar que as façanhas realizadas por Antero sejam dignas de algum reconhecimento. Nisso, verificamos a ironia típica de Machado de Assis às tendências da época, sobretudo ao Romantismo, uma vez que os personagens, por mais inseguros ou covardes que fossem, eram sempre os ‘heróis’ das histórias. Nesse primeiro momento da obra do escritor, verificamos traços correspondentes ao Romantismo e uma prática voltada para agradar o grande público, mas já com aspectos da escrita do Machado crítico do final do século, como, por exemplo, a denúncia aos valores morais e às atitudes humanas devido a crises interiores.

Continuando nossa análise do fantástico, pensemos nos momentos que são considerados estranhos para o leitor e para o personagem. Primeiramente, um homem desconhecido surge do nada para atrapalhar os planos de suicídio do Dr. Antero. Veremos, também, essa repetição de acontecimentos no conto *O País das Quimeras*, só que quem atrapalha os planos de Tito não é um ser mortal, mas sim uma criatura celeste, uma visão. Em seguida, no conto *O anjo Rafael*, esse suposto criado leva Antero para um caminho desconhecido e o aprisiona em um quarto escuro, sem ao menos dizer o motivo do convite do Major Tomás, seu patrão. Nesses momentos de tensão, vemos que o narrador tenta conduzir o leitor para uma atmosfera sombria e noturna. Para Sigmund Freud, “Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho” (1969, p. 300), até mesmo no momento de sonho do personagem:

Ora, o nosso herói teve um sonho durante o curto espaço de tempo que dormiu. Sonhou que tendo executado o seu plano de suicídio, fora levado para a cidade das dores eternas, onde Belzebu o destinava a ser perpetuamente queimado numa

imensa fogueira. O infeliz fazia as suas objeções ao anjo do reino escuro; mas este, com uma única resposta, reiterava a ordem dada. Quatro chanceleres infernais lançaram mão dele e o lançaram ao fogo. O doutor deu um grito e acordou. (ASSIS, sd, p. 25)

Esse sonho demonstra a tensão do Dr. Antero diante da demora para ser recebido pelo major. E, desse modo, percebemos que o suicídio não realizado ainda o atormenta, uma vez que no sonho, ele encontra Belzebu, o rei dos infernos, também conhecido como Lúcifer ou Satanás. Antero é condenado por Belzebu e logo em seguida é lançado ao fogo. Sabemos que ser queimado corresponde ao medo de ir para o inferno e sentir uma dor eterna. Essa simbologia presente no sonho do personagem provém da angústia vivida no momento e do medo de estar em uma armadilha, já que ele não sabe o porquê de tanto mistério. Diante de uma fatalidade inconsciente, Antero teme o que poderá lhe acontecer. E esse tormento ainda perdura quando encontra com a figura do major: “Independente das circunstâncias especiais em que o doutor se achava, a figura do major inspirava um sentimento de medo. Podia ser uma excelente pessoa; mas o seu aspecto repugnava à vista e ao coração” (ASSIS, sd, p. 27).

Todos esses sentimentos deixam o leitor também em estado de apreensão. Entretanto, não é para esse caminho tortuoso que o narrador nos conduz, pelo contrário, ele nos lança ao estranho para chegarmos a uma situação inesperada. Essa técnica utilizada pelo escritor denuncia um modo diferente de insólito ficcional, pois quando começamos a acreditar na armadilha proposta pelo narrador, caímos em algo incomum. O major Tomás é um conhecido do pai do Dr. Antero e, por isso, propõe que ele se case com sua filha por intermédio de uma fortuna. Deparamos, então, com um casamento arranjado e um homem que possui um discurso um tanto fugaz perante os ouvidos do ‘nosso herói’:

– Bom velho! Continuou o major; sincero, alegre, valente...

– É verdade.

O major levantou-se um pouco, apoiando as mãos nos braços da poltrona, e disse com voz surda:

– E mais que tudo, era obediente àqueles que têm uma origem no céu! (ASSIS, sd, p. 28).

A princípio, não entendemos a referência “que têm uma origem no céu!”, mas ficamos um pouco assustados com a franqueza com que ele fala de um casamento arranjado, sem nenhuma preocupação pela opinião de Antero. Isso sugere que o major é

vinculado a um mundo em que ele constrói suas próprias regras e o dinheiro que possui é a peça fundamental para o domínio de quem quer que seja. Desse modo, verificamos uma conduta mesquinha do personagem principal, que mesmo sem conhecer a moça dá indícios de aceitar o pedido, e ainda é capaz de esquecer toda aquela atmosfera de medo, para tornar-se um simples subordinado do major. Machado explora os costumes da época de modo a demonstrar que os valores morais podem ser comprados sem nenhum pudor ou arrependimento. Assim, o escritor consegue articular uma trama que passa do estranho ao comum, com um tom voltado ao humor e ao sarcasmo:

Mas a grande arma de Machado de Assis é o humor: freqüentemente, a partir das sugestões tomadas aos componentes objetivos e subjetivos da situação em foco, êle reside na associação inesperada e denunciadora entre o que implica num conceito universal ou num juízo de valor, enfaticamente considerado, e a expressão de uma realidade inferior tomada ao consenso geral e cotidiano. (CASTELLO, 1969, p. 69)

Esse artifício de transformar a história em um jogo de interesses nos faz refletir sobre até que ponto o homem é capaz de se submeter à venda de seus valores. Contudo, não é só isso o que o conto vem mostrar ao seu leitor. Depois de aceitar o pedido de casamento e de conhecer a bela e doce Celestina, nossa nova heroína ingenuamente diz:

– Então posso contar que seja meu marido, não?
 – sem dúvida, disse o doutor sorrindo.
 – Mas o que é marido? Perguntou Celestina, depois de alguns instantes.
 (ASSIS, sd, p. 31).

Diante dessa pergunta inesperada, leitor e personagem ficam surpresos pela inocência de Celestina. Onde terá vivido essa menina que não conhece termos tão comuns na sociedade? Infelizmente, o Dr. Antero não compreende essa pureza e dá-lhe um beijo na mão, mas se arrepende, uma vez que o major o repreende dizendo: “– Meu caro senhor, respeite as pessoas do céu; quero um genro, não quero um tratante. Ora, cuidado!” (ASSIS, sd, p. 31). Novamente uma referência a pessoas do céu e Antero não entende o motivo dessa afirmação, ficando receoso de estar realmente vivo, ou no mundo dos sonhos.

Não sabemos o verdadeiro significado das palavras do Major e muito menos o Dr. Antero, pois estamos diante de um mistério acerca do passado de um velho desconhecido de todos. Talvez ele esteja realmente no mundo dos sonhos e, por isso,

tantos mistérios em meio a criaturas belas e celestiais. E, diante dessas dúvidas, Antero ainda é surpreendido pela repercussão daquela carta que escrevera quando estava prestes a deixar o mundo dos vivos:

Ora, eis aqui o que encontrou no *Jornal do Comércio*:

“Suicídio. – Anteontem, à noite, o Dr. Antero da Silva, depois de dizer ao seu criado que saísse e só voltasse de madrugada, encerrou-se no quarto da casa que ocupava a rua da Misericórdia, e escreveu a carta que os leitores encontrarão adiante.[...] Com efeito, depois de bem combinadas providências, encontrou-se na praia de Santa Luzia um cadáver que se reconheceu ser o do infeliz moço”. (ASSIS, sd, p. 32)

Diante desse fato inesperado o Dr. Antero começa a indagar: “[...] estaria ele morto de veras? Teria já saído do mundo da realidade para o mundo dos eternos sonhos?” (ASSIS, sd, p. 32). Tendo aparentemente voltado à realidade, Antero se convence que aquilo tudo poderia ser uma simples coincidência e ainda se diverte com a escrita do jornalista.

Assim, essa incerteza perante os acontecimentos nos sugere a possibilidade do estranho; de acordo com Freud o escritor pode conduzir o leitor para o estranho colocando-o em mundo familiar, intermediado pelo fantástico. Para Todorov, a hesitação é a característica máxima do fantástico: “O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’” (2004, p. 47-48). Então, as incertezas dos personagens são levadas até o ponto em que um possível esclarecimento é confirmado. Vejamos o trecho abaixo:

– Eu sou, continuou o velho, eu sou o anjo Rafael, mandado pelo Senhor a este vale de lágrimas a ver se colho algumas boas almas para o céu. Não pude cumprir minha missão, porque apenas disse quem era fui tido em conta de impostor. Não quis afrontar a ira e o sarcasmo dos homens; retirei-me a esta morada, onde espero morrer. (ASSIS, sd, p. 34)

Essa revelação já era esperada pelo leitor que foi conduzido desde o título até esse momento. A partir dessa situação ficamos entre duas possibilidades: acreditamos na existência de anjos, de seres celestiais entre os homens na narrativa ficcional e o conto passa de estranho a fantástico, ou então, a ideia de que estamos na presença de um louco nos faz pensar em uma possível explicação para a série de acontecimentos estranhos; essa segunda alternativa é a mais aceitável por Antero.

Surge então a dúvida sobre qual a verdadeira face de Rafael: anjo ou louco. Se for realmente um anjo, por que estaria disposto a entregar sua filha a um rapaz tão mundano como o Dr. Antero? Em meio a esses e outros questionamentos o protagonista se surpreende ainda mais com a afirmação de Celestina: “– Bem feliz que ele é; quem me dera ser anjo como ele! é verdade que filha dele devo ser também... e, na verdade, sou também angélica...” (ASSIS, sd, p. 37). Não temos dúvida de que Celestina é angélica, mas será ela tão louca quanto o pai? Vivendo uma possível ilusão, o doutor pensa em fugir dessa fantasia, mas só agora, porque, desde o momento em que descobrira a fortuna a ele destinada, não existia em sua mente possibilidades de fuga.

Essas novas revelações conduzem o Dr. Antero a uma situação de desconforto, principalmente quando o major o procura em seu quarto para a seguinte conversa:

- Mas também o motivo que me traz aqui é importante, disse o velho assentando-se.
- Ah!
- Sabe quem morreu?
- Não.
- O diabo. (ASSIS, sd, p. 38)

Diante desse novo fato, nosso ‘herói’ resolve fugir dessa casa de loucos e a narrativa toma ares de comédia, na medida em que a loucura é tomada como explicação para tudo. Mas só acreditamos nessa possibilidade diante da afirmação da criada da casa, que pede ao Dr. Antero que fique e salve a menina da sandice, já que ela não conhecia o mundo e seu pai apresentava estar sem o domínio da razão há muito tempo.

Vemos, então, que esse conto representa os primeiros passos de um escritor que futuramente pensará na questão da loucura como algo comum a todos os homens, sobretudo em *Quincas Borba* e em *O Alienista*. O estado de loucura, segundo Remo Ceserani, corresponde a uma das temáticas do fantástico. Pois, para esse teórico, a loucura “tem o valor pessimista e trágico da descida às profundezas do ser” (2006, p. 83). Seria uma volta para si mesmo, sem a preocupação de agradar os outros. Gilbert Durand, em *As estruturas Antropológicas do Imaginário*, também fala da esquizofrenia, que estaria no regime diurno das imagens de separação e de antítese. Ou seja, o esquizofrênico se vê separado do mundo, e por isso, volta-se para o interior.

Não pretendemos desdobrar muito esse assunto, pois entraríamos no campo do imaginário, mas já reconhecemos que a história passa a ter uma explicação mais racionalizada. E, como afirma Tzvetan Todorov: “Se ele (o leitor) decide que as leis da

realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho” (2004, p. 48). Uma dessas explicações para esses fenômenos pode estar na alucinação ou na loucura. No caso do conto, a maioria dos fatos não racionalizados aconteceu pela falta do domínio da razão do major Tomás; e essa mistura de fantasia com realidade é um dos pontos que mantém a história em um universo insólito.

Somos levados a acreditar na sandice de Tomás, contudo, não sabemos os motivos dessa falta da razão, pelo menos até o momento da chegada do Coronel Bernardo, amigo do major:

– Fui amigo de seu pai e do major; seu pai morreu há muito; ficamos eu e major como dois sobreviventes dos três irmãos Horácios, nome que nos davam os homens do nosso tempo. O major era casado, eu solteiro. Um dia, por motivos que não vêm ao caso, o major suspeitou que sua mulher lhe era infiel, e expulsou-a de casa. Eu também acreditei na infidelidade de Fernanda, e aprovei, em parte, o ato do major. Digo-lhe em parte, porque a pobre mulher no dia seguinte não tinha de comer; e foi de minha mão que recebeu alguma coisa. Protestou ela por sua inocência com as lágrimas nos olhos; eu não acreditei nas lágrimas nem nos protestos. O major ficou louco, e veio para essa casa com sua filha, e nunca mais saiu. Acontecimentos imprevistos me obrigaram a ir pouco depois para o Norte, onde estive até pouco. [...] – Não teria voltado se não adquirisse a certeza de que as suspeitas do major eram todas infundadas. [...] Fui encontrar, depois de tantos anos, na província em que me achava, a esposa do major servindo de criada em uma casa. Tinha tido uma vida exemplar. [...] Compreendi que era talvez o meio de chamar o major à razão vir contar-lhe isso tudo. [...] – E ele? - Não acredita; e quando parece ir-se convencendo das minhas asseverações, volta-lhe a idéia de que ele não é casado, porque os anjos não casam. (ASSIS, sd, p. 42-43)

Diante dessa explicação, percebemos que a loucura do major provém de uma intensa sensibilidade perante certas situações. Essa fragilidade de espírito é um sinal de descontrole emocional, que o fez se refugiar de todos em um mundo particular, criado para ser seu abrigo. A dificuldade de compreender e perdoar a esposa é o grande empecilho na vida de Tomás. Para não encarar a sociedade, esse pobre homem só teve uma alternativa: ‘transformar-se em anjo.’

E, por isso, não foi possível deixar sua filha aos olhos de todos, pois ela também era um anjo para Tomás. Quando pensamos nesse cuidado que o Major tem com a sua filha, nos lembramos da afirmação de Antero logo no início da narrativa, quando o doutor conhece Celestina: “Rafael podia copiar dali uma das suas virgens”(ASSIS, sd, p. 30). Nesse fragmento há uma alusão ao ‘verdadeiro’ Rafael, já que, para o doutor, o major Tomás era efetivamente um impostor, mas que tinha o privilégio de ser pai de

uma jovem belíssima, pequena e frágil como uma sílfide, assim como a visão de Tito e como as belas ‘heroínas’ do Romantismo. Essas criaturas presentes na narrativa machadiana são consideradas românticas, pois o escritor ainda permanecia contaminado pelo passado e pelo presente da literatura da época.

O narrador machadiano parece acomodar-se aos valores e práticas dominantes da sociedade inventada, assim como o homem Machado de Assis houve de acomodar-se aos da sociedade real. Mas esse narrador, como seu procedimento elusivo, age como hipócrita para encenar a hipocrisia das relações sociais, de modo a desmascará-las. (RAMOS JÚNIOR, 2005, p. 39)

Nesse sentido, a narrativa machadiana de meados do século XIX se configura como uma narrativa em experiência, e o narrador ainda está acomodado a essa ‘sociedade inventada’, poderíamos acrescentar, recriada pelo Romantismo. Contudo, Machado não fica preso a essas ideologias, já no início de sua escrita literária, ele é audacioso e consegue ir além com o seu senso crítico, representando, assim, a encenação da “hipocrisia das relações sociais, de modo a desmascará-las”, como afirma Ramos Júnior. Essa peculiaridade está fortemente presente no conto *O anjo Rafael*, na medida em que o Dr. Antero prefere escapar do mundo refugiando-se na morte, ao invés de encarar seus problemas; e o major Tomás é obrigado a fugir dessa mesma sociedade para camuflar seus erros e sua loucura.

Desse modo, o conto torna-se alusivo a questões preocupantes, como a fragilidade das relações humanas, a busca incessante de refúgio pelo medo diante da vida e a loucura como resultado de todos esses desvios. O major Tomás, convicto de que é um anjo, ou pelo menos prefere pensar dessa forma, não resiste à pressão de saber que sua esposa era inocente e, desse modo, sucumbe em meio aos seus medos, incertezas e a sua solidão.

Quando o coronel entrou no quarto do major achou-o muito aflito. Passeava de um lado para o outro, agitado, proferindo palavras incoerentes, como o olhar desvairado.

– Que tens Tomás?

– Ainda bem que vieste, disse o velho; sinto-me mal; veio aqui há pouco um anjo buscar-me; disse-me que eu estava fazendo falta no céu. Creio que me vou embora desta vez. (ASSIS, sd, p. 43)

Assim, depois de deixar o mundo dos vivos, o major se vai sem despedir da pobre Celestina que não conhecia o que era morrer. Mas, diante dessa morte inesperada,

vemos que o Dr. Antero consegue sair da ilusão em que vivia para transformar-se em ‘pérola’: “eu era um pouco de lodo, hoje sinto-me pérola” (p. 44). “O doutor rompeu por entre os amigos e foi abraçar o criado, que entrou a derramar lágrimas de contentamento” (p. 46). Felizmente, ele não sucumbiu ao seu próprio egoísmo e sentindo-se como uma jóia, decide também ajudar a frágil moça que não conhecia a vida, casando-se com ela, por amor. O amor que sempre foi, mesmo camuflado, um dos temas mais recorrentes na narrativa de Machado de Assis.

O final desse conto nos faz lembrar os dos contos de fadas, que nos remete ao ‘felizes para sempre’. Por isso, nosso intuito com esse breve estudo foi demonstrar que o primeiro Machado de Assis era romântico; mesmo escrevendo contos com uma atmosfera voltada para o estranho ficcional, essas narrativas se configuram como suporte para a ampla obra do escritor.

Nesse início da escrita machadiana, encontramos parte do escritor que vai nos surpreender como seus contos e romances de profundidade, uma vez que o conto *O anjo Rafael* instiga uma série de reflexões a respeito do homem, sua relação como os demais e com o seu interior. Apesar de não ser um conto fantástico ortodoxo, essa narrativa representa uma espécie de ensaio para tantas outras que envolverão fortemente o leitor, pela crítica ferina que Machado vai instaurar. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o melhor exemplo de narrativa fantástica e psicológica criada por Machado, já que nesse momento o escritor buscará o aperfeiçoamento de seu estilo e consolidará uma escrita apurada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O anjo Rafael. In: _____ *Contos Esparsos*. Prefácio e Organização de R. Magalhães Júnior. Coleção Prestígio. Editora Tecnoprint S.A.. Ediouro. Rio de Janeiro, sd.

CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e Ilusão em Machado de Assis*. CIA Editora Nacional. Vol. 6. São Paulo, 1969.

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: _____ *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. Trad. Jayme Salomão. Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1969.

RAMOS JUNIOR, José de Paula. Um narrador mestiço. In: _____ *Revista Discutindo Literatura*. Escala Educacional. São Paulo, 2005. p 37-39.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.